

Almanaques e tradição gráfica: estudo comparativo entre o *Almanach de Pelotas* e o *Almanaque da Família da Sociedade Medicinal Souza Soares* do ano de 1913

Paula Garcia Lima
Francisca Ferreira Michelin
Nádia Miranda Leschko

Resumo

O artigo em questão tem por objetivo traçar um paralelo entre os periódicos denominados *Almanach de Pelotas* e o *Almanaque da Família da Sociedade Medicinal Souza Soares*, ambos editados na cidade de Pelotas e referentes ao ano de 1913. As análises compreendem o nível informacional e gráfico das referidas publicações, construindo um contexto de produção e consumo das mesmas e afirmando-as como suporte de memória e meio tradicional de informação da sociedade pelotense na referida época.

Palavras-Chave: Almanaque, design, tradição.

Introdução

O presente trabalho originou-se a partir da verificação da existência de um ponto de encontro entre as pesquisas que as autoras desenvolvem no curso de mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural na Universidade Federal de Pelotas. Estes estudos enfocam o design gráfico localizado nas primeiras décadas do século XX, uma autora atenta a produção técnica e outra debruçada no objeto de design em si. Um tipo de peça gráfica em comum integra os nossos objetos de pesquisa - os almanaques – motivando-nos a entender a inserção deste tipo de publicação tão tradicional na sociedade daquele período. Com este intuito, propomos aqui um estudo comparativo entre o *Almanach de Pelotas* e o *Almanaque da Família da Sociedade Medicinal Souza Soares*, ambos editados na cidade de Pelotas e referentes ao ano de 1913.

Os almanaques constituem publicações recorrentes no contexto temporal mencionado, sendo a sua tradição justificada pelo fato de que, segundo Dutra (2005, p.16) a história deste tipo de publicação começou a ser traçada no final do século XV, confundindo-se com a história dos impressos no ocidente como um todo.

Estes impressos eram publicações anuais que continham conteúdos referentes aos calendários como medidas do tempo, informações sobre o céu e a lua e festas religiosas, movimentos dos astros, previsões climáticas e manifestações da natureza. Entre os séculos XVIII e XIX os almanaques passaram a configurar como formas de instrução e de propagandas, assumindo, também, vieses temáticos e agregando conteúdos mais variados como aqueles com cunho moralizante, curiosidades, poesias, charadas, jogos e medicina doméstica (DUTRA, 2005, p.16).

A autora (p.16) define este tipo de impresso como uma literatura de rápida e fácil leitura, colocados a serviço do entretenimento e da utilidade. O entretenimento estava em voga no período em questão, pois a incipiente sociedade das massas queria, também, se divertir. A partir da metade do século XIX há um grande aumento na parcela da população capaz de consumir e não um consumo relacionado apenas a artigos de primeira necessidade, pois este período caracteriza-se, também, pela democratização do consumo de artigos de luxo e supérfluos (DENIS, 2000, p.78-81). É nesta categoria que entram as atividades de lazer dentre as quais se enquadra a atividade de leitura.

Somado a isto, o século XIX vivencia o pensamento positivista, transmutando os almanaques em espécies de enciclopédias, no sentido de objetivarem-se como uma mídia democratizante e promulgadora de informações a serviço do progresso e da ciência. Assim, os almanaques consistem em documentos culturais atrelados ao projeto civilizatório ocidental por serem veiculadores dos valores da modernidade, da moralidade e de comportamento (DUTRA, 2005, p.18-19).

A transformação editorial citada acima é um reflexo do impacto causado pela Revolução Industrial, no século que lhe seguiu, originando novos almanaques e novos leitores já que a população passou a habitar, majoritariamente, as cidades (DUTRA, 2005, p.17-18). De acordo com Denis (2000, p.40-41), o século XIX assistiu uma verdadeira explosão do público leitor que, somado ao barateamento nos processos de impressão, levaram a uma grande progressão nos meios impressos de comunicação, surgindo novos veículos como a revista ilustrada. Nos permitimos acrescentar que estas razões auxiliam a justificar o também aumento na circulação dos almanaques, que diversificaram-se em tipos e títulos. Este processo alcançou o início do século seguinte, no qual se localizam as publicações que analisaremos a partir de agora.

O Almanach de Pelotas de 1913

Tratava-se de um periódico de publicação anual que era impresso nas *Officinas Typographicas do Diário Popular*. A edição ficava a cargo de Florentino Paradedda. Teve início no ano de 1913 sendo que se encontram à disposição na Bibliotheca Pública exemplares até o ano de 1935.

O Almanach é um precioso suporte de memória. Circulava com bastante naturalidade entre os pelotenses, trazendo-lhes além de agenda e calendário, informações importantes como tarifas de impostos, telégrafos, correios e trens, e dados para pecuaristas e agricultores (Fig. 1).

Além do editorial, que é minucioso ao relatar as dificuldades de confecção do periódico, nele estão contidos textos, denominados “variedades”, que trazem dados sobre melhorias na cidade, informações sobre personalidades, artigos sobre instituições de atendimento ao público, sempre ilustrado com fotografias. Estes artigos são importante fonte de pesquisa, sendo freqüentemente citados por pesquisadores da história e memória de Pelotas (Fig. 2).

O apelo comercial ficava a cargo dos anúncios. Além de aparecerem na seção designada “Propaganda”, também eram intercalados entre seções e em todos os espaços aproveitáveis, como rodapés de matéria e até nas capas. Isso deixa claro a natureza comercial do periódico mas também evidencia os altos custos de produção ao abrir improváveis espaços para publicidade. De qualquer modo, pode-se traçar um panorama da vida econômica de Pelotas a partir desses anúncios: encontra-se de vestuário a mobília para casa, de tratores e colheitadeiras a motores elétricos e carros, de alimentos e bebidas a medicamentos e produtos veterinários (Fig. 3).

Todos os comerciantes e industriais faziam questão de anunciar no Almanach por que este

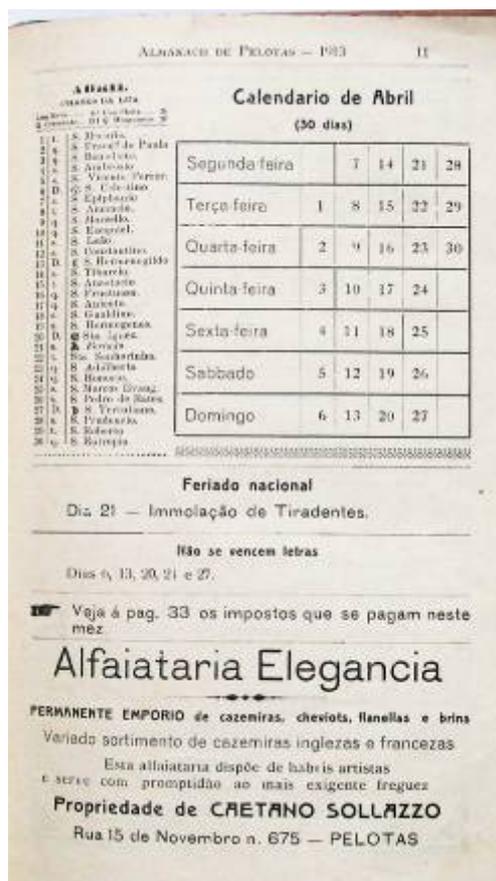


Figura 1 – *Calendário de Abril, Almanach de Pelotas, 1913*. Informação útil para o pelotense organizar suas atividades mensais e oportunidade para os anunciantes divulgarem seus produtos.

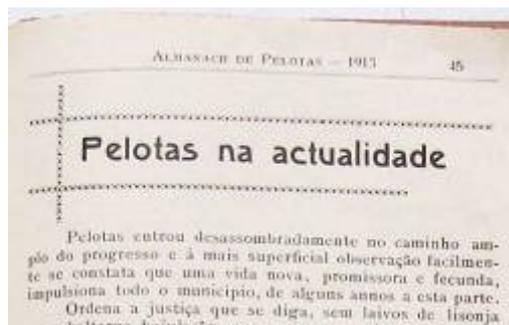


Figura 2 – *Pelotas na Actualidade, Almanach de Pelotas, 1913*. Obras e melhorias públicas atestam um desenvolvimento impulsionado pela ideologia positivista de progresso.



Figura 3 – *Locomoveis e Semifixas, Almanach de Pelotas, 1913*. As últimas novidades em tecnologia estavam nos anúncios do Almanach.



Figura 4 – *Confeitaria Nogueira, Almanach de Pelotas, 1913*. Todo anunciante desejava ostentar suas instalações através da fotografia.



Figura 5 – *Estabelecimento Graphico Chapon, Almanach de Pelotas, 1913*. Perícia e detalhismo na composição gráfica dos anúncios.

acompanharia o pelotense o ano todo, sendo consultado sempre que precisava de informações úteis.

O Almanach inaugural, do ano de 1913, objeto desta análise, apresenta dimensões de página aberta 29 x 21 cm e contém 120 páginas, sendo todo impresso em processo de tipografia com a presença de clichês fotográficos⁴ (Fig.4).

A encadernação não é a original, pois o exemplar da Bibliotheca encontra-se sem a capa da época e acondicionado em um formato maior de capa. A diagramação padrão dos textos é de uma coluna, sendo que informações tais como dados numéricos são cuidadosamente hierarquizados, distribuídos em várias colunas e com recursos de filetes e orlas decoradas. A tipografia dos textos é austera, em geral serifada para os artigos longos, geométrica para títulos e decorativa nos títulos de seções. Chama a atenção nas páginas do Almanach a diagramação dos anúncios. Apresentam uma gama de recursos que demonstram todo o potencial gráfico da tipografia do Diário Popular. Tipos diferenciados e de tamanhos variados conduzem a leitura do anúncio e a certa altura, parecem “levantar a voz” chamando a atenção para as informações relevantes. Entretanto, o aspecto mais evidente da capacidade criativa dos compositores reside na colocação dos filetes e orlas decorativas (Fig. 5). Os desenhos dos tipos são numerosos, é fato, mas há anúncios

onde é possível perceber que se trata do mesmo grafismo tipográfico, apenas disposto de

⁴ Os clichês usados em tipografia são placas de metal no qual a imagem gravada está reduzida a pontos. A junção e proximidade desses pontos dão a ilusão de claro e escuro, simulando tons contínuos.

maneira diferente. A complementação da informação se dá através de refinadas ilustrações a traço ou fotografias das fachadas dos estabelecimentos (Fig. 3 e 4).

Assim sendo, conteúdo e inventividade gráfica estão presentes neste veículo que se afirmou como difusor de informação e entretenimento, ainda que seu objetivo final tenha sido comercial. De qualquer modo, entre anúncios, artigos, curiosidades e dados científicos, Pelotas se viu representada nas páginas do Almanach.

O Almanaque da Família da Sociedade Medicinal Souza Soares para 1913

O *Almanaque da Família da Sociedade Medicinal Souza Soares para 1913* foi uma publicação editada pelo Parque Souza Soares. Este estabelecimento foi inaugurado na cidade de Pelotas no ano de 1883 com o nome Parque Pelotense, no entanto, este Parque passou a ser referenciado através do sobrenome de seu fundador, Alvarez de Souza Soares. Este Parque possuía dentro de suas dependências, dentre outras coisas, uma tipografia e um laboratório farmacêutico de nome homônimo que parece ter sido o grande mantenedor do Parque.

A grande maioria das edições dos Almanques da Família do Parque Souza Soares que conseguimos localizar encontramos referência a impressão realizada na sua própria gráfica tipográfica. No total encontramos 13 edições do Almanaque da Família, referentes aos anos de 1900, 1903, 1904, 1906, 1912, 1913 (edição aqui analisada), 1914, 1916, 1917, 1918, 1920, 1922 e 1924 e, dentre estas, somente na edição de 1924 encontramos referência a outra gráfica e, na de 1912, não podemos dar uma informação precisa, pois não descobrimos nenhuma referência a respeito do local de impressão.

Tendo em vista ser uma publicação vinculada ao Parque Souza Soares, havia nela, obviamente a intenção de propagandear este estabelecimento através de menções e anúncios relacionados ao Parque e aos medicamentos produzidos pelo seu laboratório, porém, sem resumir-se apenas a isto. Tramados as propagandas dos medicamentos e esclarecimentos sobre doenças e seus sintomas, existem conteúdos análogos aos de revistas de variedades como: calendários e feriados do ano, fases da lua, poesias, contos, variedades, assuntos úteis, receitas e propagandas de outras publicações do Parque como o *Novo Médico* e *Auxílio Homeopático ou O Médico da casa*. Os *Almanaques da Família da Sociedade Medicinal Souza Soares* - conforme característico deste tipo de publicação da época – eram de periodicidade anual. De todas as edições do almanaque que estamos agora nos referenciando notamos basicamente as mesmas características, no entanto, nos limitaremos aqui a analisar a edição de 1913 (Fig.01).



Fig. 01- Capa do *Almanaque da Família da Sociedade Medicinal Souza Soares para 1913*

Esta edição apresenta, no formato aberto, 27,2 cm de largura e 21,2 cm de altura e cujo suporte que lhe compõe, assemelha-se a papel jornal com a capa de gramatura um pouco mais espessa que das páginas internas. A encadernação é feita através de grampos dispostos na dobra do formato aberto.

A capa desta publicação é bastante simples, não apresentando muitos recursos visuais. Além de conteúdo verbal com o título da publicação e algumas outras informações, a composição apresenta o brasão da família Souza Soares e o uso de alguns ornamentos como uma moldura com característica orgânica e outros grafismos horizontais seguindo o mesmo padrão.

Já internamente, ao folhear a publicação observamos que o uso de mais de uma coluna não é um recurso de diagramação recorrente, pois a grande maioria das páginas organiza-se com o uso de uma coluna, apresentando os textos em um único bloco, vide figura 02. Algumas poucas exceções foram percebidas, como demonstra a figura 03, na qual aparece o uso de duas colunas na parte superior da página, porém, não nos parece ser um recurso de cunho estético ou que demonstre uma preocupação com a legibilidade e/ou leiturabilidade do texto, mas sim, parece ser um recurso usado como forma de adequar o conteúdo ao espaço disponível, para seu melhor aproveitamento. Os textos aparecem, em sua maioria, com alinhamento justificado e, os títulos, ou acompanham este alinhamento ou apresentam-se centralizados.



Fig. 02- Página interna diagramada em uma coluna Fig. 03- Página interna com uso de duas colunas

Quanto à tipografia percebemos que a fonte dos textos é serifada e se mantém no decorrer das páginas, o que não ocorre com as fontes usadas nos títulos e sub-títulos. Nestes, observamos que, que são aplicadas fontes de mais variados modelos, algumas bastonadas e outras serifadas, porém, sempre diferentes do texto que lhe segue, proporcionando contraste e, assim, agregando interesse ao visual da composição. Outra característica percebida é o uso de negrito com a função de destacar algumas partes ou palavras dos textos. Isto que apontamos com relação a tipografia também aparece representado nas Figuras 02 e 03.

Embora já fosse uma técnica possível no ano em questão, a impressão de fotografias representavam uma tecnologia bastante inovadora e ainda inacessível em muitas realidades, como no caso que está sendo analisado. No *Almanaque da Família da Sociedade Medicinal Souza Soares para 1913*, como demonstra a Figura 02, são encontradas apenas imagens ilustradas que se apresentam pouco associadas aos textos em termos estruturais, ou seja, parece que textos e imagens eram impressos em momentos distintos, o que não possibilitava que estes se relacionassem. Segundo Rezende (2003, p.63) esta era uma limitação técnica característica do processo de impressão tipográfico. As figuras abaixo também contem o tipo de imagens usadas.

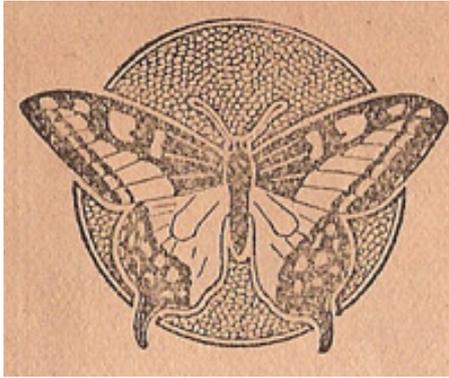


Fig. 04 – Exemplo de ilustração



Fig. 05 – Ilustrações e ornamentos

A Figura 5 também traz algo comum encontrar nas páginas da publicação analisada que é o uso de ornamentos como linhas, molduras e arabescos diversos, que nos parecem ter, além de um cunho estético, um cunho também funcional. Percebemos que algumas páginas são constituídas por textos curtos e distintos, sendo o recurso dos ornamentos empregado como forma de organizar e delimitar os mesmos.

Assim, buscamos apresentar uma publicação específica do Parque Souza Soares através desta breve análise referente a apenas uma de suas edições: *O Almanaque da Família da Sociedade Medicinal Souza Soares para 1913*. Confeccionado no próprio Parque, acreditamos que este exemplo específico demonstra a importância atribuída pelas empresas as peças gráficas que lhe propagandeavam e, no caso especial dos Almanques, esta é uma confirmação de que este tipo de publicação representava um veículo tradicional na sociedade do período.

Considerações finais

Concluindo as análises, é possível perceber muitas semelhanças entre os periódicos estudados, *o Almanach de Pelotas* e *o Almanaque da Família da Sociedade Medicinal Souza Soares*, datados de 1913. Ambos compilam informações de natureza comercial, artigos variados e informações de utilidade pública.

Sobre esse aspecto, o primeiro periódico afirma-se como arauto dos progressos da cidade, registrando melhorias urbanas, afinado com as teorias positivistas.

Seguindo a mesma linha editorial e de acordo com a natureza da indústria em questão, o Almanaque da Família da Sociedade Medicinal Souza Soares, traz preciosas informações da área da saúde em uma época em que proliferavam credices populares e curandeiros, tornando-se veículo de informação confiável ainda que represente uma indústria farmacêutica - ramo de atividade caracterizado pela influência econômica até nossos dias.

Quanto ao aspecto gráfico, através do formato e diagramação atrativa – ainda que sejam visíveis as limitações da tipografia, evidencia a preocupação em tornar os periódicos livros de consulta freqüente, companheiros dos leitores pelo ano todo. Essa afirmação também é confirmada pela intercalação de anúncios entre informação de utilidade pública. Isso demonstra refinado senso estratégico: a cada consulta de informações o leitor se depara com algum anúncio, fazendo com que a cada visualização a lembrança do anunciante seja reforçada.

De qualquer modo, seja como veículo de utilidade e entretenimento ou mídia de marketing, os almanaques em questão estavam entre os meios tradicionais de difusão de informação sendo que sua leitura tornou-se um hábito entre a sociedade pelotense. Para os leitores de agora, tornou-se precioso suporte de memória. Uma forma de viajar através do tempo e vivenciar hábitos e costumes de uma época.

Referências

- DENIS, Rafael Cardoso. *Uma introdução à história do design*. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.
- DUTRA, Eliane de Freitas. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanach Brasileiro Garnier (1913-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- NUNES, Ivelise Alves. *Cultura: Injeção de ânimo no resgate da história*. In: Diário Popular de 09 de dezembro de 2007. Disponível em <http://www.diariopopular.com.br/09_12_07/p0401e0501.html> Acesso em 11 de maio de 2009.
- RASSIER, Ana Lúcia Primo Leite. *Parque Souza Soares: apenas lembranças*. Especialização em Patrimônio Cultural: conservação de artefatos, Universidade Federal de Pelotas, 2003. (Monografia)
- REZENDE, Livia Lazzaro. *Do projeto gráfico e ideológico: impressão de nacionalidade em rótulos oitocentistas brasileiros*. Mestrado em Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. (Dissertação de Mestrado)

Fontes consultadas

Almanach de Pelotas 1913. Variedades, Informação e Propaganda. (Ano I). Pelotas: Oficinas Typographicas do Diário Popular, 1913. Disponível na Bibliotheca Pública de Pelotas.

Almanaque da Família para 1913. (22º ano de publicação). Pelotas: Typ. da Sociedade Medicinal Souza Soares Lda., 1912.

Autoras

Paula Garcia Lima

Possui graduação em Artes Visuais - Habilitação em Design Gráfico pela Universidade Federal de Pelotas (2003) e Graduação em Licenciatura Plena em Design (2009). Atuou como professora substituta do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas nos anos de 2007 e 2008 e como pesquisadora I - professora conteudista da Universidade Aberta do Brasil no ano de 2008. Atualmente é aluna do curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural e da especialização em Mídias na Educação. Tem experiência na área de Design Gráfico e interessa-se, principalmente, pelos seguintes temas: design, moda, história, identidade e ensino à distância.

Francisca Ferreira Michelin

Doutora em História pela PUCRS. Mestre em Artes Visuais pela UFRGS. Estágio pós-doutoral no Arquivo Fotográfico da Câmara de Lisboa (2008-2009). Professora Associado da Universidade Federal de Pelotas.

Nadia Miranda Leschko

Bacharel em Artes Visuais – Habilitação Design Gráfico pela Universidade Federal de Pelotas (2002). Atuou como professora substituta na Universidade Federal de Pelotas (2006 – 2008) ministrando disciplinas e orientação junto ao bacharelado em Artes Visuais - Habilitação Design Gráfico/IAD-UFPeL. Também atuou como profissional independente, adquirindo experiência em identidade visual e produção gráfica de eventos. Atualmente cursa o Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural/UFPeL, sendo bolsista da CAPES e pesquisando indústria gráfica em Pelotas-RS. Também participa do grupo de pesquisa do Instituto de Artes e Design/UFPeL intitulado “Memória Gráfica de Pelotas: Um Século de Design”. Interessa-se pelos seguintes temas: design gráfico, produção gráfica, memória e patrimônio.